



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura

16 de outubro de 2016
Dia Mundial da Alimentação



O clima está mudando.
A alimentação e a agricultura também.



Devemos adaptar a agricultura às mudanças climáticas para construir a Geração Fome Zero



Dia Mundial da Alimentação

Cada ano, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) celebra o Dia Mundial da Alimentação a 16 de Outubro para comemorar a fundação da Organização em 1945. Neste dia são organizados eventos em mais de 150 países no mundo inteiro, tornando-o num dos dias mais celebrados do calendário nas Nações Unidas. Estes eventos promovem a consciência e a ação global em prol daqueles que sofrem de fome e apela à necessidade de garantir a segurança alimentar e uma dieta nutritiva para todos. O Dia Mundial da Alimentação representa também uma importante oportunidade para difundir uma mensagem categórica: podemos acabar com a fome na presente era e tornar-nos na Geração Fome Zero, mas é necessário que todos trabalhem juntos para alcançar este objetivo.

16 de outubro de 2016
Dia Mundial da Alimentação





2016, o ano para ações sobre o clima

Na Cimeira das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em Nova York, em Setembro de 2015, 193 países comprometeram-se a acabar com a pobreza e a fome, a proteger o planeta e a assegurar a prosperidade para todos. Cerca de seis meses depois, 177 membros da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas reuniram-se em Nova York para assinar o acordo de Paris sobre alterações climáticas, em que é reconhecida a importância da segurança alimentar. A meta global é alcançar a Fome Zero em 2030 - uma meta ambiciosa que não pode ser alcançada sem abordar as mudanças climáticas.

O clima está a mudar. A alimentação e a agricultura também.

As alterações climáticas têm um grande impacto na segurança alimentar. Entre os 800 milhões de pessoas que sofrem de subnutrição crónica, muitas são pequenos agricultores, pescadores e criadores de gado que são os mais afetados por temperaturas elevadas e desastres relacionados com o clima. Esses desastres são exacerbados pelas alterações climáticas e estão a aumentar em frequência e intensidade.

Sem uma ação concertada para aumentar a sua resiliência, muitas das pessoas mais pobres e vulneráveis terão dificuldades em produzir comida e rendimento suficientes para garantir a sua alimentação e das suas famílias. Sem segurança alimentar, o desenvolvimento social e económico não é possível.



As alterações climáticas também ameaçam a estabilidade dos preços dos alimentos. A variação na precipitação e temperaturas, assim como os eventos climáticos extremos podem resultar num declínio significativo nos rendimentos das principais culturas (milho, trigo, arroz e soja) no início do próximo século. Os efeitos dessa queda nos preços dos alimentos e na segurança alimentar podem vir a generalizar-se. Os sectores agrícolas - culturas, pecuária, silvicultura, pesca e aquacultura - podem desempenhar um papel crucial na abordagem deste desafio complexo. Através da adoção de práticas agrícolas sustentáveis adaptadas aos contextos locais, os pequenos agricultores podem obter aumentos consideráveis de produtividade e rendimento, ao mesmo tempo que aumentam a sua resiliência e o



rendimento das suas atividades agrícolas em condições meteorológicas extremas e variáveis. Estratégias de adaptação como estas são vitais para combater a pobreza e a fome num clima em mudança.

Os sectores agrícolas são responsáveis por cerca de 70% do uso total de água e têm um impacto considerável na saúde dos solos, florestas e nos serviços dos ecossistemas. As práticas de agricultura sustentáveis que melhoram a saúde do ecossistema e a gestão dos recursos naturais podem estagnar e até reverter a sobre-exploração dos recursos naturais e a degradação dos ecossistemas.

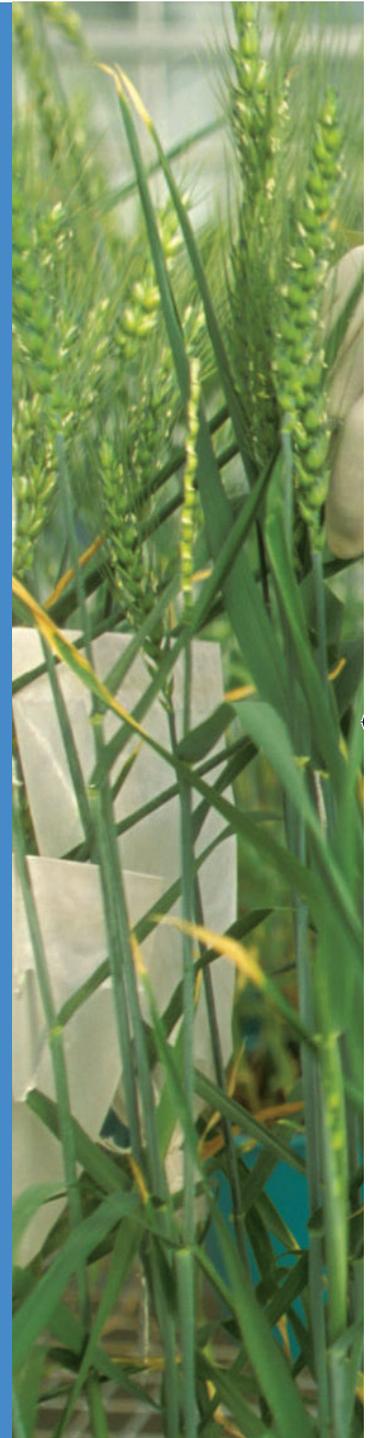
Os sectores agrícolas também representam 20-25% das emissões totais de gases com efeito de estufa (GEEs). As

práticas de agricultura sustentáveis podem aumentar a produtividade e a resiliência, diminuir as intensidades de emissão de GEEs, aliviar as pressões que conduzem à desflorestação e melhorar a saúde dos solos, paisagens e florestas – os quais sequestram carbono. Estes benefícios de mitigação podem ser alcançados, muitas vezes, com pouco ou nenhum custo adicional, sem inibir o desenvolvimento agrícola em geral.



Como podemos adaptar a agricultura aos efeitos das mudanças climáticas e reduzir a emissão de GEEs?

- Podemos implementar uma gestão sustentável dos recursos naturais (por exemplo, reduzir as perdas e desperdício de alimentos e evitar a deflorestação e sobrepesca);
- Melhorar a gestão e fertilidade do solo;
- Expandir práticas que favoreçam o sequestro de CO₂ nas florestas e reduzir a utilização de combustíveis fósseis;
- Promover uma gestão integrada da água;
- Converter dejetos animais em biogás como fonte de energia alternativa e renovável;
- Prevenir e/ou preparar para choques relacionados com o clima;
- Desenvolver a pesca e a aquicultura resilientes ao clima através de jaulas e tanques piscícolas resistentes à tempestades e uma gestão adequada da pesca.

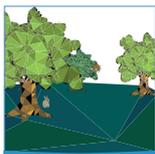






Florestas

A degradação das florestas no mundo inteiro está a avançar a um ritmo alarmante. Anualmente cerca de 13 milhões de hectares de floresta são perdidos ou convertidos para outros usos. A desflorestação e degradação das florestas tem um impacto considerável no clima, representando 10-11% das emissões globais de GEEs. A desflorestação também tem um efeito significativo sobre as populações pobres que obtêm o seu sustento da atividade florestal.



Gerir as florestas de forma sustentável. As árvores absorvem carbono da atmosfera e garantem meios de subsistência.

África Central

Alberga a segunda maior área de floresta tropical do mundo, com mais de 240 milhões de hectares. A FAO registou uma perda anual na região de cerca de 3,1 milhões de hectares de floresta natural nos últimos cinco anos. A FAO, em conjunto com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Banco Mundial e doadores internacionais, está a ajudar seis países da África Central, com reformas de políticas para promover a conservação e o uso sustentável dos recursos florestais.

Esta Iniciativa Florestal da África Central (CAFI, da sigla em inglês), lançada na Cimeira do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas em 2015, irá desempenhar um papel crucial na mitigação das mudanças climáticas e na redução da pobreza na região.



Agricultura

A FAO estima que a produção agrícola (culturas, pecuária, pesca e aquicultura) terá que aumentar em cerca de 60% até 2050 para alimentar a população mundial em crescimento. Em paralelo, é esperado que as mudanças climáticas reduzam o rendimento dos alimentos básicos. Sem uma ação urgente e concertada para enfrentar as mudanças climáticas, estima-se que até 2100 a produção de milho pode diminuir em 20-45%, a produção de trigo em 5-50%, a produção de arroz em 20-30% e a de soja em 30-60%.

Para alimentar uma população mundial em crescimento, num clima em mudança, o mundo deve fazer a transição para formas

mais produtivas, resilientes e sustentáveis de desenvolvimento agrícola. A abordagem de Agricultura Inteligente face ao clima (CSA, da sigla em Inglês) oferece um caminho promissor. A CSA pretende atingir três objetivos principais: aumentar de forma sustentável a produtividade agrícola e dos rendimentos agrícolas, adaptar e criar resiliência às alterações climáticas e reduzir e/ou eliminar as emissões de gases com efeito de estufa, sempre que possível.



Mudar o futuro da agricultura. Mudar o futuro da fome.

A FAO

está entre os principais centros mundiais de conhecimentos sobre CSA e refletiu esta experiência no Manual Integrado sobre Agricultura Inteligente Face ao Clima. A FAO também lançou um projeto CSA para apoiar os agricultores na Guatemala e Honduras para implementar sistemas agroflorestais resilientes ao clima. O sistema Quesungual, que recebeu o nome da aldeia onde foi desenvolvido pela primeira vez, é baseado em práticas agrícolas tradicionais em ambos os países, como uma alternativa à agricultura de corte e queima. Ao conservar a cobertura do solo e a fazer um uso eficiente de fertilizantes, o projeto apoia a gestão sustentável da vegetação, solo e água em encostas propensas à seca. Além de promover a melhoria da conservação do solo e da água, o sistema minimiza as emissões e promove sistemas agrícolas mais resilientes e produtivos.

O sistema Quesungual tem correspondido às necessidades dos agricultores para frutas, madeira, lenha e grãos, e também gera rendimento quando vendidos no mercado. Quando os agricultores alcançam a segurança alimentar, a diversificação de culturas permite aumentar a variedade dos produtos. Uma vez asseguradas as necessidades básicas de grãos, as famílias podem investir o seu tempo na melhoria das suas condições de vida e da sua educação.

FACTO
01 As mudanças climáticas afetam de forma mais severa as populações pobres. Acima de 70% da população mundial pobre depende da agricultura e dos recursos naturais para a sua subsistência.

FACTO
02 O mundo almeja alcançar a **FOME ZERO** até **2030.**

Abordar as alterações climáticas é crucial para continuar a luta contra a fome e a realização deste objetivo.

FACTO
03 A FAO estima que a produção agrícola deve aumentar em cerca de 60% até 2050 para alimentar uma população crescente e, de um modo geral, mais enriquecida. As mudanças climáticas constituem um grande obstáculo para alcançar este objetivo.

FACTO
04 **Cerca de 25%** dos impactos económicos negativos

que advêm de desastres climáticos nos países em desenvolvimento recaem sobre os sectores agrícola, pecuário, pesqueiro e silvícola.

FACTO
05 O sector pecuário contribui com cerca de dois terços das emissões de gases com efeito de estufa (GEEs) agrícolas e 78% de emissões de metano agrícolas.

FACTO
06 A perda e o desperdício alimentar globais geram anualmente 8% do total de emissões de GEEs.

FACTO
07 Mais de um terço dos alimentos produzidos em todo o mundo são perdidos ou desperdiçados. Os custos totais do desperdício alimentar são de aproximadamente 2,6 biliões de dólares por ano.

FACTO
08 As emissões totais do desperdício alimentar são quase iguais às emissões totais de transporte rodoviário.

Se o desperdício alimentar fosse um país,

seria o terceiro maior emissor de GEEs no mundo.

FACTO
09 O declínio do rendimento agrícola pode já estar a ocorrer e diminuições entre 10% a 25% podem generalizar-se até 2050.

FACTO
10 **Até 2050,** as capturas das principais espécies de peixes deverão diminuir até 40% nos trópicos, onde os meios de subsistência, segurança alimentar e nutricional dependem fortemente do sector das pescas.

FACTO
11 A desflorestação e a degradação das florestas representam aproximadamente 10-11% das emissões totais de GEEs.

FACTO
12 As mudanças climáticas podem propagar os riscos de doenças transmitidas por alimentos de uma região para outra, ameaçando a saúde pública.

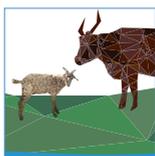


Pecuária

O sector pecuário produz cerca de 14,5% das emissões de gases com efeito de estufa resultantes da ação humana, que são os responsáveis pela mudança climática. A produção de carne e leite gera a maioria dessas emissões (41% e 20%, respetivamente). A procura de produtos de origem animal irá aumentar nos próximos anos como resultado do contínuo crescimento demográfico e dos rendimentos, realçando claramente a necessidade de reduzir o nível de emissões da produção pecuária.

Há uma margem significativa para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa da pecuária. A utilização de rações

de melhor qualidade pode reduzir as emissões resultantes da fermentação entérica e do estrume. Melhores práticas de sanidade e manejo animal melhoram a produtividade e reduzem as emissões das manadas 'improdutivas', contribuindo assim para a segurança alimentar e alívio da pobreza, sendo simultaneamente reduzidas as pegadas ambientais. Práticas de gestão dos dejetos que recuperem e reciclem nutrientes podem também dar um contributo importante. Na maioria dos casos, tais práticas também resultam numa melhoria da produtividade e rendimento.



Reduzir as emissões de gases com efeito de estufa com uma melhor gestão pecuária.

A FAO

está a trabalhar com os governos e intervenientes do sector pecuário para que isso aconteça, através da sua participação na Agenda de Ação Global para a Pecuária Sustentável. Na China, Tailândia e Vietname, por exemplo, o projeto da FAO de Gestão de Resíduos pecuários na Ásia Oriental está a apoiar um quadro estratégico para reduzir os impactos negativos da produção pecuária intensiva no ambiente, na saúde, nos reservatórios de água e nas populações.

O projeto promove o intercâmbio, a transferência de tecnologias e abordagens e a sensibilização ambiental entre os agricultores e os funcionários do governo na gestão e políticas de resíduos. O mesmo enfatiza a colaboração entre o governo, o sector privado, instituições financeiras, academia, institutos de investigação e agricultores e apoia a introdução de novas tecnologias e designs para grandes e médias explorações de modo a reduzir as emissões de GEEs e a melhorar a sustentabilidade social, económica e ambiental a longo prazo.

A FAO também providencia avaliações integradas e fiáveis do impacto ambiental das alterações climáticas no sector e dos respetivos efeitos na segurança alimentar e redução da pobreza, bem como o potencial para sua mitigação. Esta informação é crucial para o diálogo sobre políticas, orientação estratégica e advocacia.



Combater as alterações climáticas e fomentar o desenvolvimento sustentável

- As mudanças climáticas já estão a afetar a saúde pública e a segurança alimentar e hídrica. Se não forem controladas, as alterações climáticas irão reverter os ganhos de desenvolvimento alcançados nas últimas décadas e tornar impossível a sua progressão.
- Investimentos no desenvolvimento sustentável irão ajudar a enfrentar as alterações climáticas, reduzindo as emissões de gases com efeito estufa e aumentando a resiliência ao clima.
- A ação sobre as mudanças climáticas irá impulsionar simultaneamente o desenvolvimento sustentável.
- Combater as alterações climáticas e promover o desenvolvimento sustentável são duas faces da mesma moeda. O desenvolvimento sustentável não pode ser alcançado sem uma ação sobre o clima e muitas práticas agrícolas sustentáveis atuam sobre as causas fundamentais das alterações climáticas.



Perda e desperdício de alimentos

Mais de um terço de todos os alimentos produzidos no mundo é perdido ou desperdiçado. Isto corresponde a cerca 1,3 mil milhões de toneladas de alimentos por ano, o suficiente para alimentar as 800 milhões de pessoas que passam fome no mundo. Esta representa uma oportunidade perdida para melhorar a segurança alimentar e nutricional. A produção, processamento e distribuição de alimentos que são perdidos ou desperdiçados também são responsáveis por uma parte significativa das emissões globais de GEEs. Emissões adicionais de GEEs estão ligadas aos alimentos em decomposição em aterros, que libertam metano - um GEE cerca de 25 vezes

mais potente do que o dióxido de carbono. Nos países em desenvolvimento, uma proporção significativa de alimentos deteriora-se antes de chegar aos mercados. Investimentos em instalações de processamento e armazenagem, especialmente armazenagem a frio e melhores redes de transporte, pode reduzir significativamente a perda e o desperdício de alimentos. Nos países desenvolvidos, o desperdício de alimentos é muitas vezes associado à rejeição de alimentos que parecem ser esteticamente menos atrativos ou com data de validade ultrapassada, enquanto ainda se encontram adequados para o consumo. Mudar o comportamento do consumidor e fomentar a inovação tecnológica nesta área pode ter um impacto considerável.



Desperdiçar menos. As emissões totais do desperdício de alimentos são quase iguais às emissões totais do transporte rodoviário.

A FAO

apoia 47 países na área de perda e desperdício de alimentos. Fornece apoio técnico aos países para ajudar a apurar os níveis de desperdício e a promover a cooperação entre organizações nacionais e regionais, e parceiros públicos e privados na redução da perda e desperdício de alimentos.

Isso inclui a Iniciativa Global sobre a Perda de Alimentos e Redução do Desperdício (SAVE FOOD), uma parceria singular com o sector privado, que inclui mais de 600 empresas e organizações envolvidas na redução de perdas e desperdício de alimentos. A Save Food tem como objetivo estimular inovações, promover o diálogo interdisciplinar e desencadear debates para gerar soluções ao longo de toda a cadeia de valor “do campo à mesa”.



Recursos naturais

Os atuais padrões de desenvolvimento agrícola estão a sobre-explorar e a degradar os recursos naturais do planeta. A agricultura é responsável por cerca de 70% do consumo total de água, e cerca de 33% das terras utilizadas para a agricultura estão moderadamente ou severamente afetadas pela degradação de solos. Isso prejudica a produtividade e a resiliência dos agricultores, bem como a sustentabilidade dos ecossistemas dos quais as populações rurais dependem. Práticas agrícolas mais sustentáveis são essenciais para enfrentar estes desafios. Abordagens de gestão sustentável do solo são particularmente importantes, uma vez que melhoram a produtividade,

o rendimento e a resiliência agrícolas, ao mesmo tempo que restauram a vitalidade das bacias hidrográficas e dos solos. Solos saudáveis constituem a base da agricultura e da segurança alimentar a longo prazo e também providenciam um importante contributo para o sequestro de carbono.



Cuidar dos recursos naturais para as futuras gerações.

A FAO

tem-se destacado nesta área através do seu envolvimento na Parceria Global do Solo (GSP, da sigla em inglês). Na região do Oriente Próximo do Nordeste Africano, a FAO tem trabalhado com especialistas internacionais e regionais para analisar o estado da degradação e gestão do solo. Parcerias Regionais do Solo (RSP, da sigla em inglês) têm sido estabelecidas para desenvolver planos de ação regionais e globais para a gestão sustentável e monitorização dos recursos limitados de solo, como um elemento fundamental para garantir a segurança alimentar e as funções ambientais dos solos.

Estas parcerias baseiam-se em princípios fundamentais, enfatizando uma melhor governança global para a proteção do solo e produtividade sustentável, maior investimento, cooperação técnica, educação e sensibilização, pesquisa e desenvolvimento específico do solo, melhor qualidade e disponibilidade de dados sobre o solo, e harmonização de métodos, medidas e indicadores para a gestão e proteção sustentável dos recursos do solo.



Pescas

Os oceanos e zonas húmidas são fundamentais para a segurança alimentar mundial e são essenciais para a regulação do clima no mundo. Os oceanos armazenam cerca de 50 vezes mais dióxido de carbono do que a atmosfera e albergam cerca de 80% de toda a vida no planeta. Os oceanos, zonas húmidas e massas de água interiores também garantem o sustento de cerca de 12% dos habitantes do mundo, muitos dos quais têm um rendimento escasso e são extremamente vulneráveis às alterações climáticas.

Apesar destas contribuições vitais, os recursos aquáticos do mundo estão sob um stress extremo devido à sobre-

exploração, poluição e mudanças climáticas. A FAO estima que as capturas das principais espécies de peixe nos trópicos pode diminuir em 40% até 2050.



Tornar a pesca e a aquacultura mais resilientes e eficientes para alimentar o futuro.

A FAO

está a ajudar a melhorar o conhecimento sobre o impacto das alterações climáticas na pesca e nos meios de subsistência dos pescadores, e está a trabalhar para apoiar o desenvolvimento de políticas e planos de ação vitais. Realiza avaliações globais e regionais da vulnerabilidade dos setores da pesca e da aquicultura e produziu um Código de Conduta para a Pesca Responsável.

A FAO também trabalha para identificar e reduzir a vulnerabilidade dos sistemas pesqueiros e aquícolas, melhorando a sua capacidade de resiliência e adaptação aos choques, alterações climáticas, acidificação dos oceanos e desastres naturais. Para enfrentar a mudança e variabilidade climática, a FAO desenvolveu Diretrizes Voluntárias para assegurar a Pesca de Pequena Escala sustentável no contexto da Segurança Alimentar e Erradicação da Pobreza.



Sistemas Alimentares

As mudanças climáticas estão a prejudicar a produção de alimentos e as atuais práticas e padrões de desenvolvimento agrícolas ameaçam os recursos naturais dos quais a agricultura depende. Neste contexto, estamos a tentar erradicar a fome das quase 800 milhões de pessoas afetadas pela insegurança alimentar crónica. A manutenção do “status quo” não basta. Os padrões de produção, distribuição e consumo têm de mudar para se fazer frente a esses desafios complexos. Há necessidade de mudar para sistemas alimentares sustentáveis. Os consumidores têm um papel

particularmente importante a desempenhar através da compra de alimentos produzidos de forma sustentável. Isso traduz-se numa melhor gestão dos recursos naturais, na melhoria da gestão ambiental e no respeito pelas principais Normas Internacionais do Trabalho. O efeito cumulativo dessas decisões de consumo pode moldar toda a cadeia de valor dos alimentos. Já existe uma variedade de mecanismos e instrumentos de rotulagem que podem ajudar na tomada de decisões. Por exemplo, muitos países criaram guiões sustentáveis de frutos do mar que os consumidores podem usar para se informarem para as suas compras.



Tornar os sistemas alimentares sustentáveis para uma Geração Fome Zero.

A FAO,

em colaboração com o PNUMA, estabeleceu em 2011 o Programa de Sistemas Alimentares Sustentáveis (SFSP, da sigla em inglês) para catalisar parcerias entre as agências internacionais, governos, indústria e sociedade civil para promover a transição para sistemas alimentares sustentáveis.

O SFSP promove práticas de consumo e produção sustentáveis nos sistemas alimentares, centrando-se na relação entre consumo e produção. A FAO também apoia a iniciativa SAVE FOOD para promover mudanças no comportamento dos consumidores em relação ao desperdício de alimentos.



PHOTOS

©FAO/Jim Holmes
©FAO/Giulio Napolitano
©FAO/Walter Astrada
©FAO/Jon Spaul
©FAO/Yasuyoshi Chiba
©FAO/Jonathan Bloom
©FAO/Daniel Hayduk
©FAO/Sergey Kozmin
©FAO/Walter Astrada
©FAO/Alessia Pierdomenico
©FAO/Vasily Maksimov



As designações empregues e a apresentação do material neste produto informativo não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre a condição jurídica ou de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade ou área ou das suas autoridades, nem relativamente à delimitação das suas fronteiras ou limites. A menção de empresas específicas ou de produtos de fabricantes, mesmo estes tenham sido patenteados, não implica que estes tenham sido aprovados ou recomendados pela FAO, em detrimento de outros de natureza similar que não são mencionados. As opiniões expressas neste produto de informação são do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição nem as políticas da FAO.

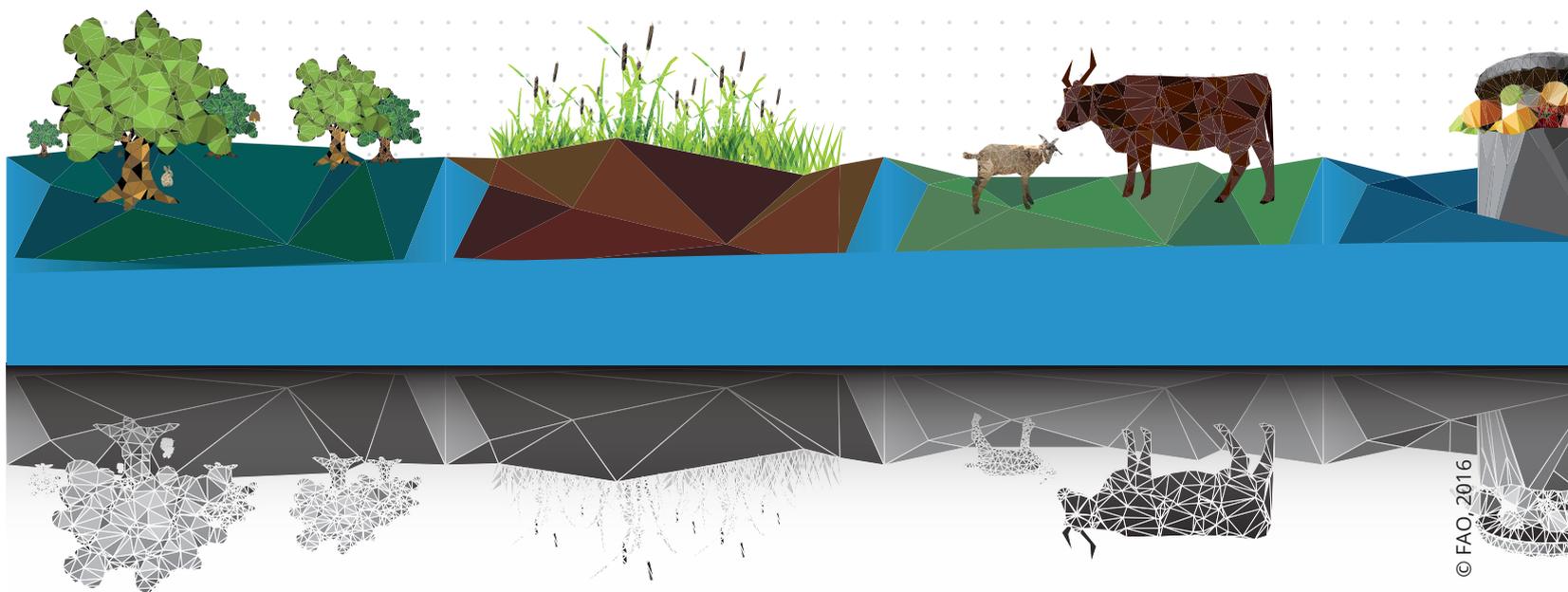


ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA

Viale delle Terme di Caracalla
00153 Rome, Italy

world-food-day@fao.org
www.fao.org/world-food-day

© FAO, 2016



© FAO, 2016